



APRESENTAÇÃO E TRADUÇÃO ANOTADA DA CARTA DE SÊNeca SOBRE AS RIQUEZAS E A FILOSOFIA – UM DOCUMENTO ÚTIL PARA PENSAR A PROPOSTA DE JESUS A RESPEITO DAS RIQUEZAS¹

Cesar Motta Rios

Doutor em Literaturas Clássicas e Medievais (UFMG)

Resumo

Ofereço neste texto uma tradução da *Carta de Sêneca sobre as riquezas e a filosofia*, acompanhada por uma apresentação e notas. Na apresentação, procuro demonstrar a relevância desse documento antigo, quase contemporâneo dos discursos de Jesus e, ainda mais, do registro escrito dos Evangelhos, para a reflexão a respeito das colocações do Messias sobre o problema das riquezas. Não proponho que haja qualquer dependência entre as propostas dos dois. Mas o leitor perceberá semelhanças notáveis e se beneficiará do argumento mais prolongado do filósofo. O texto de Sêneca propicia justamente a percepção da natureza do problema das riquezas enfrentado por Jesus de forma frequente, mas bastante sucinta e pontual, em diálogos que não possibilitam a percepção do que está de fato em jogo, a não ser que se atente para as minúcias do dito. A meu ver, a carta de Sêneca nos favorece nesse exercício.

Palavras-chave: Sêneca; Jesus; Riquezas.

Abstract

In this text, I offer a translation of Seneca's Letter on the riches and the philosophy, with an introduction and notes. In the short introduction, I aim to demonstrate the relevance of this ancient document, quasi-contemporary of Jesus' discourses and, even more, of the written register of the Gospels, to the reflection about the Messiah's statements on the problem of the riches. I do not propose that there is any dependence between the proposals of both. However, the reader will notice remarkable similarities and will for sure take advantage from the longer argument of the philosopher. Seneca's text foments the perception of the nature of this very problem with the riches faced by Jesus so frequently, but in considerably short and punctual ways, in dialogues which do not make it possible to distinguish clearly what is in question, unless by an accurate attention to the details of the speech. I suggest that Seneca's letter enriches our exercise of reading the Gospel itself.

Key Words: Seneca; Jesus; Riches.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.



APRESENTAÇÃO

Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.) é considerado por alguns como o filósofo mais cristão dentre os não cristãos. Ele figura, inclusive, na lista de homens ilustres de Jerônimo. É um dos poucos não cristãos mencionados, e o único desses que não é judeu. O erudito cristão menciona com simpatia sua vida frugal, e se refere a uma suposta correspondência do filósofo com Paulo de Tarso (*De Viris Illustribus*, 12). Não é dessa apreciação do pensador estoico que cuido agora, mas de outra que me parece bastante plausível e que ficará evidente pela leitura da tradução que aqui apresento. Jesus e Sêneca tiveram ao menos um problema em comum: o apelo que as riquezas podiam exercer. Não se trata do apelo que as riquezas representavam a eles mesmos, mas a seus potenciais seguidores. Em diversos diálogos dos Evangelhos, Jesus se refere às riquezas ou à busca por elas como problema a ser superado pelos que desejam segui-lo ou, em outros termos, entrar no Reino de Deus.

Na pequena carta de Sêneca, o objetivo do filósofo é justamente convencer o leitor/destinatário de que deve se dedicar à filosofia imediatamente, sem protelar esse propósito por causa da procura por riquezas.

Mas se o cristianismo só se encontraria definitivamente com a filosofia nos séculos posteriores, como aprendemos no estudo da patrística, por que essa aproximação que proponho? Embora não seja propriamente filosófica, a proposta de Jesus guarda com a filosofia alguma semelhança: ambos os caminhos se constituem por meio da palavra, discursos e diálogos, seja isso entre diferentes interlocutores humanos somente, seja por meio da intervenção também de outro conselheiro (*állos parákletos*), espiritual e divino, o Espírito Santo. E por causa dessa



semelhança, filosofia e o caminho de Jesus se opõem de modo igualmente problemático à orientação da vida para as riquezas, na medida em que propõem substituir (a prioridade da) a busca de algo material e palpável, imediatamente percebido enquanto aquisição concreta, pela busca de algo imaterial: conhecimento filosófico ou certa disposição espiritual.

Por haver tal proximidade, não nos estranhará muito, embora cause inicialmente certa surpresa, que encontremos Jesus e Sêneca formulando uma ordem muito semelhante: “Buscai primeiro o Reino de Deus”, manda o Messias (Mt 6:33); “Busca primeiro a filosofia”, ordena o filósofo.

Ao longo da história, os cristãos tiveram que lidar com a oposição de Jesus às riquezas registrada nos textos dos Evangelhos e o fizeram de diferentes formas. Pode-se observar desde as submissões mais literais às falas do nazareno, até as descon siderações absolutas, passando pelas elaboradas tentativas de *acomodação* dessas falas *incômodas* ao modo de vida dos leitores/fiéis. O trabalho desses últimos intérpretes não é pequeno, uma vez Jesus mesmo não tratou de amenizar suas colocações ou de explicá-las de modo que se ajustassem à tendência normal da vida humana no âmbito da cultura ocidental, que tem início justamente naquele progressivo encontro que se desenvolvia entre as culturas greco-romana e a judaica.

Sêneca, de certa maneira, o fez, mas não na carta que se lerá a seguir. Nessa ele chega a sugerir uma menor radicalidade na questão, afirmando que o problema não está nas riquezas em si, mas na alma. Contudo, não diminui a impressão de severidade deixada ao longo do texto. Em *De Vita Beata* [*Sobre a vida feliz*], por outro lado, tentará fazer frente às acusações de um interlocutor implícito no texto que questiona o fato de certos filósofos falarem tão mal das riquezas, mas serem muito ricos. Seria justamente esse o caso de Sêneca, membro de uma família riquíssima de Roma. Ele ensaia uma resposta curta e simples que poderia ser resumida assim: *Falamos de um ideal, o ideal do sábio, mas ainda não o alcançamos. E não é por não o termos alcançado que deixaremos de falar dele e*



almejá-lo. Mas sua resposta definitiva é outra e mais concorde com sua própria situação. Ele opera uma divisão entre *as riquezas em si* e *a atitude da pessoa para com as riquezas*. Assiná-la, então, que as riquezas em si não são um problema, mas sim o valor que lhes é atribuído pelas pessoas. O filósofo poderia ser muito rico, mas não se apegaria às coisas materiais, de modo que não se preocuparia com elas, nem sofreria se as perdesse. Contrapondo-se a seu crítico, define a diferença entre os dois nos seguintes termos: “*As riquezas são minhas; tu és das riquezas*” (*Vita Beata*, 22.5).

Essa última saída, embora seja muito utilizada na história cristã, parece dificultada por uma fala do próprio Jesus: “Pois onde está o teu tesouro, ali também estará o teu coração” (Mt 6:21). Com a afirmação categórica, ele parece sugerir que há algo intrínseco às riquezas que atrai para si o coração, a mente, do ser humano. Digo “coração” e acrescento “mente” por lembrar que no âmbito da cultura hebraica, o coração não é meramente a sede dos sentimentos, como costumamos entender hoje, mas também dos pensamentos (cf. Gn 6:5), algo que atribuímos à mente e entendemos se realizar no cérebro. De fato, se lermos a afirmativa de modo direto, sem procurar saídas amenizadoras, teremos que reconhecer que Jesus não fala da atitude diante do tesouro, mas do tesouro em si como detentor de uma força gravitacional que inevitavelmente exerce sua influência sobre a mente humana. Por isso, a relação causal é simples: se seu tesouro está aqui, aqui está sua mente, isto é, sua mente estará ocupada com isso daqui. O tesouro é algo concreto e não um valor atribuído a algo. Ele não diz: “onde estiver o que você *considera* como tesouro”. É preciso lembrar, inclusive, que a palavra *thesaurós* não indica, em princípio, as coisas valiosas, mas o lugar em que se guardam tais coisas. O que está em jogo é o lugar do acúmulo de bens: aqui ou nos céus.

É justamente por saber dessa tendência que nossa mente tem com relação ao nosso tesouro, de ser atraída por ele, que Jesus interpela tão incisivamente aquele jovem rico que busca junto a ele o caminho para a salvação (Mc 10:17-27). Diante da pergunta sincera do jovem esforçado, o Messias verifica se ele tem



cumprido alguns dos mandamentos. O rapaz confirma que sim. Logo, vem a ordem sobre o que *falta*: “Vende tudo o que tens e dá aos pobres”. Ora, Jesus acrescenta uma lei inexistente na *Torah* e a impõe ao possível seguidor? Não me parece ser esse o caso. A compreensão a respeito da exigência de Jesus e da reação entristecida de seu interlocutor está na *falta* mais evidente (ou nas faltas mais evidentes) no conjunto de mandamentos arrolados quando da verificação. Jesus não havia mencionado os mandamentos que ele mesmo reconhece como os mais importantes: “Amarás a Deus sobre todas as coisas” e “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (cf. Mc 12:29-31). O rico percebe que o que Jesus faz não é um acréscimo de lei inexistente na *Torah*, mas sim uma interpretação radical dessas leis que ele deixara de mencionar. Por isso, sai entristecido, por reconhecer sua incapacidade de cumprir cabalmente não a exigência do pregador de seu tempo, mas própria da Lei. Ele conhecia certamente pessoas que haviam tomado uma atitude semelhante para aderirem a algum grupo essênio (costume que sabemos ser comum naquele tempo por meio de Josefo, *Ant. Jud.* 18.20, e pela *Regra da Comunidade* de Qumran, 1QS), mas não se via apto a tanto. Esse episódio, então, ilustra bem o problema que entendo existir a partir da leitura da carta de Sêneca e das falas de Jesus sobre as riquezas.

Podemos seguir ainda um pouco: Jesus afirma ao final do diálogo a extrema dificuldade de um rico entrar no Reino de Deus, isto é, de um rico se submeter ao reinado, ao governo do Altíssimo. Isso se dá não porque o coração do rico seja “menos bom” que o dos pobres. Afinal, bom é só Deus, conforme se diz no início do diálogo. O que acontece é que a riqueza que o rico detém exerce força sobre sua mente. Ela está presa ao tesouro, submetida a ele como a um senhor, impedindo que se submeta plenamente ao verdadeiro Senhor. Não é que sua mente seja pior, mas simplesmente está mais exposta à atração das riquezas.

Em princípio, então, só a intervenção de uma empreitada hermenêutica complexa é capaz de reverter esse entendimento. E esse empreendimento interpretativo, a meu ver, não se realiza por alguma dúvida gerada pelo texto em si,



que é claro, mas pelo *incômodo* que ele pode causar nos leitores. Mas nisso também me parece que se encontra um desvio do texto, pois este visa justamente produzir o *incômodo* que tanto se evita. O *incômodo* causado no jovem rico da referida narrativa deveria realizar-se também no leitor do *Evangelho*. Quando é amenizado pela *acomodação* da proposta a um modo de vida específico, retira-se a potência do texto.

Entendo, pois, que as dura e definitivas afirmações de Jesus estabelecem uma diferença fundamental para com Sêneca, que recua de sua rigidez. O filósofo se preocupa mais com o valor atribuído aos bens. Não obstante, essa separação entre os dois só se faz perceber por termos à disposição o debate do filósofo com seu crítico preservado em *De Vita Beata*. De Jesus não temos esse tipo de prolongamento da conversa. Nenhum dos interlocutores de Jesus se atreve a contestar suas afirmações, talvez pela coerência que havia entre seu discurso e sua ação.

Enfim, convém ler com atenção a *Carta de Sêneca sobre a filosofia e as riquezas*, não porque haja alguma possibilidade de dependência entre Jesus e o filósofo em qualquer sentido, mas porque as semelhanças são muitas para serem desconsideradas, e porque o argumento um pouco mais demorado do filósofo pode ajudar a esclarecer o tipo de problema que é enfrentado por ambos no Século I d.C.. E essa melhor compreensão do problema favorece imediatamente o entendimento da urgência e da ênfase com que Jesus trata do assunto. Afinal, Jesus sabe ainda melhor que o filósofo a respeito das peculiaridades da alma humana. Se Sêneca intenta cuidar que uns quantos de seu tempo e entorno não deixem a filosofia para seguir coisas apenas aparentemente valiosas, Jesus cuida para que muitos, de diferentes lugares e incontáveis gerações não permitam que a atração peculiar e potente das riquezas os afastem do senhorio de Deus. E ele não fala muito sobre isso por coincidência ou casualidade, mas porque é problema deveras urgente, pungente e severo, como demonstra a argumentação preocupada do filósofo romano que se lerá a seguir.



TRADUÇÃO

Sobre a filosofia e as riquezas (*Carta XVII*)

1. Despreza todas essas coisas, se realmente és sábio, e esforça-te rumo a uma boa mente com grande velocidade e todo vigor. Se alguma coisa há, pela qual és retido, desata-a ou corta-a. Tu afirmas: “As propriedades me fazem esperar, visto que quero dispor delas de modo que possam ser suficientes quando eu não fizer nada, e, assim, nem a pobreza me seja um fardo, nem eu seja um fardo para outra pessoa”.

2. Quando dizes isso, não pareces ter conhecido a força e a potência desse bem a respeito do qual estás a refletir. Certamente, consideras a parte mais elevada da coisa², o quanto a filosofia pode ser útil. Contudo, ainda não discernes suficientemente de modo acurado as partes, e nem entendes ainda o quanto nos auxilia em qualquer lugar, e de que modo, para usar uma expressão de Cícero, presta socorro nas grandes coisas e desce até a menor delas. Confia em mim, chama-a para a deliberação, ela te exortará a não ficar debruçado sobre as contas.³

3. Sem dúvida, o que buscas e o que queres alcançar com essa protelação é que a pobreza não seja para ti algo a ser temido. E se ela for algo a ser almejado? As riquezas impediram a muitos de se achegarem à filosofia; já a pobreza é desatada, é livre de preocupações. Quando soa o sinal de guerra da trombeta, [o pobre] sabe

² *summam rei* – poderia ser traduzido por “a importância da coisa” ou “a totalidade da coisa”. Preferi favorecer a visualidade de uma contemplação do mais elevado, sem a consideração do elemento mais importante, mas não dos subjacentes.

³ *ne ad calculos sedes* – literalmente, “que não te sentes voltado para as contas”.



que ele mesmo não está sob ataque. Quando se grita “água!”⁴, ele sai de qualquer maneira, sem pensar no que levar consigo. Se é preciso navegar, o porto não se alvoroça, e os ancoradouros não se inquietam com a comitiva de um único indivíduo. Não fica a seu redor um bando de escravos, por cuja necessidade de alimentação é preciso escolher um campo fértil de regiões ultramarinas.

4. É fácil alimentar poucos ventres que, bem instruídos, não demandam nada além de serem preenchidos. A fome custa pouco, enquanto frescura para comer⁵ custa muito! A pobreza fica satisfeita quando se provê o suficiente para as necessidades urgentes. Por que é, então, que te recusarias a tê-la como companheira, essa cujos costumes o rico de mente sã imita?

5. Se queres ter tempo livre para a alma, é preciso que sejas pobre ou que semelhante a um pobre. Não se pode fazer um estudo salutar sem a tutela da simplicidade⁶. E a simplicidade é uma pobreza voluntária. Então, deixa de lado estas desculpas: “Ainda não tenho o quanto é suficiente. Se eu alcançar tal quantidade, então me dedicarei integralmente à filosofia.” Contudo, aquilo antes do que nada deve ser estabelecido, tu o deixas para mais tarde e o estabeleces depois do resto das coisas. A partir de tal coisa é preciso começar!

Afirmas: “Quero obter algo a partir do que eu possa viver!” Aprende enquanto o obténs. Se algo te impede de viver bem, não te impede de morrer bem.

6. Não há motivo pelo qual a pobreza nos mantenha afastados da filosofia, nem mesmo a extrema carência! De fato, para os que se apressam em direção à filosofia até mesmo a fome é preciso suportar. Suportaram-na aqueles que estiveram em cidades sitiadas. E para eles que outra recompensa por sua resistência havia além

⁴ *aqua*, seguindo edição de Gertz e Buecheler (enquanto os manuscritos trazem *aliqua*). Grita-se “água!” quando há fogo, um incêndio. Atualmente, talvez, diríamos “fogo!”.

⁵ *fastidium* – O primeiro sentido desse termo, traduzido no texto por “frescura para comer”, é “náusea” ou “enjoo”, mas é utilizado para gosto refinado, de quem escolhe comidas específicas, desprezando muitas outras. Em português dizemos algo parecido: “Esse menino é muito nojento para comer!”.

⁶ O termo latino é *frugalitas*, que poderia ser traduzido por “frugalidade”, mas preferi evitar esse termo pouco usado e, por vezes, incompreendido.



de não caírem sob o domínio do vencedor? Quão maior é isto que é prometido: a liberdade perpétua, sem medo de ninguém, nem de ser humano, nem de deus. Até mesmo sentindo grande necessidade⁷, é preciso chegar a ela!

7. Há tropas que enfrentaram carência de todas as coisas. Sobreviveram com raízes de ervas e com coisas detestáveis de se dizer suportaram a fome. Tudo isso sofreram por um reino alheio (o que é mais lamentável!). Alguém hesitaria em suportar a pobreza para livrar a alma da loucura? Assim, não é preciso primeiro adquirir riquezas, é viável chegar até a filosofia até mesmo sem verba para viagem. É assim mesmo!

8. Quanto tudo tiveres, aí então é que vais querer ter também a sabedoria? Ela será o último ornamento⁸ da vida e, por assim dizer, um suplemento? Dedicar-te verdadeiramente agora à filosofia, tanto se tens alguma coisa – pois como sabes se, pelo contrário, não tens demais? - quanto se nada tens, busca⁹ em primeiro lugar isso antes de qualquer coisa.

9. “Mas me faltarão coisas imprescindíveis!” Primeiramente, não poderão faltar, porque a natureza demanda muitíssimo pouco, e o sábio se adapta à natureza. Mas se sobrevierem as mais extremas necessidades, ele imediatamente se retirará da vida e deixará de ser incômodo para si mesmo.¹⁰ Se verdadeiramente a situação for de exiguidade e escassez, o que ele puder extrair da vida, isso ele ficará contente. Sem ficar agitado ou ansioso por algo que esteja além do imprescindível, retribuirá seu ventre e seus ombros, e rirá dos negócios dos ricos e a correria dos que vão em busca de riquezas.

⁷ *esurienti*, literalmente, o verbo *surio* indica algo como “estar no cio”. Entendendo que o autor usa essa imagem para enfatizar que a sensação de necessidade pode ser extrema e, ao mesmo tempo, sugerir que ela é irracional. Tentei reproduzir isso com “sentindo grande necessidade”.

⁸ *Instrumentum*, o sentido primeiro do termo é como do termo português “instrumento” ou “utensílio”. Contudo, o sentido que escolho para o texto, também dicionarizado e atestado por usos de autores não muito distantes de Sêneca cronologicamente, como Ovídio e Suetônio.

⁹ Não fiz qualquer esforço para aproximar lexicalmente essa ordem à de Jesus em Mt 6:33. O verbo *quaero* tem mesmo esse significado, tanto que a *Vulgata* o utiliza para a tradução do imperativo ζητεῖτε (*dzeteíte*), utilizado no referido versículo de Mateus.

¹⁰ Sabidamente, o suicídio, saída nobre conforme o pensamento de Sêneca, nunca seria uma opção aceita entre os cristãos.



10. E dirá: “Por que tu mesmo te manténs afastado por longo tempo? Esperarás o recebimento de um rendimento, ou o ganho a partir de um salário, ou o testamento de algum ancião próspero, quando podes ter uma riqueza imediatamente? A sabedoria paga prontamente com riquezas, as quais ela entrega a quem quer que ela tenha feito [parecerem] supérfluas”. Isso tudo é pertinente para outros. Tu já estás mais para um homem de posses. Muda a idade, e já tens demais. Mas em qualquer idade é igual o que é suficiente.

11. Eu podia concluir aqui minha carta, se não te deixasse assim em má situação. Ninguém pode saudar os reis dos partos sem um presente¹¹, nem é permitido que alguém se despeça de ti de graça. O que fazer nesse caso? Tomarei emprestado de Epicuro isto: “Para muitos, adquirir riquezas não foi o fim das misérias, mas uma troca [de misérias]”.

12. E eu não me admiro com isso. O mal¹² certamente não está nas coisas, mas na própria alma. Aquilo que havia feito a pobreza ser pesada para nós, fez também as riquezas serem pesadas. Assim como nenhuma diferença faz jazer enfermo em um leito de madeira ou em um de ouro – aonde quer que o leves, ele carregará a sua própria doença -, da mesma forma não faz nenhuma diferença se uma alma enferma for colocada nas riquezas ou na pobreza. O seu próprio mal o seguirá.

Saudações!

¹¹ Os partos formavam um império que, à época, rivalizava frequentemente com os romanos.

¹² *vitium*, isto é, vício, em oposição a virtude.



Referências:

JERÔNIMO. De viris illustribus. In: *Opera Omnia*. Ed. J.-P. Migne. Patrologia Latina, vol. 23. Paris: J.-P. Migne, 1884.

JOSEPHUS. Jewish Antiquities. Books 18-19. Loeb Classical Library, 433. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1965.

SENECA. De Vita Beata. In: *Moral Essays*. Volume II. Loeb Classical Library, 254. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1932.

SENECA. Espistula XVII. In: *Epistles 1-65*. Loeb Classical Library, 75. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1917.

The Greek New Testament. Fourth Revised Edition Edited by Barbara Aland et ali. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2000.

VERMES, Geza. *The Complete Dead Sea Scrolls in English*. Revised Edition. London: Penguin Books, 2004.